ANO 1.º LISBOA—TERÇA-FEIRA, 10 DE JANEIRO DE 1922 N.º 237

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIROA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O nosso colega *A Vitória* refere-se hoje ao facto de os partidos se mostrarem tão confiados nas eleições que nem se dão ao incomodo de expôr ao publico os seus programas, rejuvenescidos em harmonia com as indicações da nossa crise.

Realmente, custa a explicar um tal silencio.

Vamos para as urnas com as más lembranças do passado e sem uma grande crença no futuro.

O governo, prisioneiro de acontecimentos que não póde remover, debalde tenta remediar o impossivel. O futuro parlamento—ordenam assim os fados—deve ser inteiramente igual aos que o precederam, o que, como perspectiva e antegoso de eras melhores, não nos põe na boca o sabor do mel.

O povo, farto de frases e de frasistas, de anarquistas mentais e de demagogos sem senso nem trambelho, deixa-se cair na resignação fatalista de que saiu a lenda do sebastianismo. Infelizmente, nós nem sequer temos a coragem para criar um mito que nos ampare—uma ilusão que nos aqueça a alma, nestes dias tristes. Damos a quem nos estuda a impressão de que aceitamos o peor, como uma solução que agrada ao nosso desanimo profundo.

Não reagimos. Não lutamos. Não cremos no nosso esforço.

De quem a culpa?

Primeiro que tudo dos que roubaram ao povo as suas velhas crenças e afectos, sem lhe despertaram um novo sentimento da vida, o amor da modernidade. Este crime, porque o é e grande, estamo-no já pagando as gerações actuais que vivem sem um grande ideal que as liberte do jugo do tempo que passa sobre elas como o vento sobre os pinhais.

Portugal não é para elas uma enorme certeza moral, mas sim uma palavra que se repete por habito e por comodidade.

Ha entre nós quem se ria, só com a ideia de que a Patria pretende impôr-lhe deveres. Os jovens materialistas da nossa epoca teem o coração tão pequeno que lhes não cabe dentro uma convicção nobre. Os seus horisontes não são maiores que os dos morcegos.

Quando alguem se lhes dirige, exortando-os ao culto das virtudes da raça, mostram um desentendimento que denuncia inconsciencia ou decrepitude. Este é o nosso verdadeiro mal — o que torna possivel a repetição de tantos erros, a soberania dos velhos vicios. Para o vencermos, Portugal tem de renascer das suas cinzas, refundindo-se sob a inspiração de Camões, para que nunca se engane na sua trajectoria através a civilização. Quanto mais nos sentirmos em comunhão com a nossa historia, tanto mais firmemente nos educaremos para a liberdade.

Um parlamento a mais ou a menos não encerra mais valor que a poeira das estradas. O importante é não admitirmos que como portugueses desconheçamos a terra sagrada que nossos pais nos legaram.

Como tolerar uma politica que se propõe fazer de nós os ignorantes do nosso destino historico?

* * *

CONFERENCIOU com o sr. ministro do Comercio, acerca dos caminhos de ferro do Estado (Minho e Douro), o sr. Plinio Silva.

* * *

SABE, porventura, a policía onde se acoita José Julio da Costa, o que matou o dr. Sidonio Paes?

OS DEVERES DA RIQUEZA

O grau de civilisação dos estados e até das cidades não se avalia pela extensão das suas avenidas ou pela beleza dos seus edificios. Avalia-se, sim, pelo estado dos seus hospitais. A assistencia publica é a pedra de toque de uma civilisação. Em Portugal a assistencia publica é uma miseria.

O Estado é pobre, talvez. Mas no nosso país, felizmente, ha muita riqueza particular ainda em tal estado de conservantismo, de prosperidade e de criação constante, que é essa circunstancia, principalmente, a razão de ser do milagre da nossa existencia. Todavia — os hospitais agonizam.

Constroem-se teatros, casinos, clubs, hoteis. Joga-se, vai-se a França, compram-se joias, estropiam-se contos de réis no superfluo. E' certo que cada um gasta o seu dinheiro como quere, e o superfluo chega paradoxalmente a ser uma necessidade. Na democracia, de resto, tem-se por *panache* o livre exercicio da fortuna e o livre usofruto da propriedade. Mas por vezes — ha o direito de pôr as mãos na cabeça. Nunca houve tanta miseria no país e um descuido tão grande por parte dos afortunados em socorrer a miseria.

Uma visita ao hospital de S. José em Lisboa é confrangedora. Horroroso, simplesmente! As enfermarias são depositos, não há higiene que resista á acumulação, e faltam até agasalhos.

Em Lisboa, capital do Estado, morre-se de frio. O quadro não tem tintas exageradas. Porque não distribuem os ricos, num sentido equilibrado de caridade, uma parte minima da sua fortuna?

Em Inglaterra alguns hospitais quando precisam de dinheiro, poem a largura do edificio: «precisa este hospital, dados ou emprestados, X milhares de libras». E o dinheiro aparece. Cá, chegou-se ao estado de não haver leite nos lactarios, faltam aparelhos, remedios, ferramentas, cobertores e até luz.

Ora a riqueza — tem os seus deveres. O principal devet é provar que é digna de si propria.

Com o respeito por todos, aqui deixamos esta sugestão, para que a fortuna particular ajude a salvar o país da vergonha moral porque está passando, já que o Estado, arruinado, é incapaz de cuidar a serio da instituição da Assistencia Publica.

X.

—Que bondoso coração o seu minha senhora!...
—Deixe-se de galanteios. Auxilie com a sua fortuna os hospitais, e nós, mulheres, gastaremos menos em «fourrures» e joias, e protegeremos as crianças...

O PAE de Trotzky conseguiu que êste fôsse expulso da sinagoga, chamando para êle as maldições do céu. O celebre lugar-tenente de Lenine há muito que perdeu a religião.

Acredita no comunismo, como seu pai em Jehovah.

São duas crenças bem diferentes: uma confia na justiça celeste, outra na terrestre. A primeira amparou os judeus em toda a sua historia, da segunda ninda se não sabe se preencherá toda a biografia de Trotzky.

* * *

QUANDO Molière fez representar o *Tartufo*, houve quem se escandalizasse. Luis XIV, que aconselhara o poeta a escrever a celebre peça, riu-se com gôsto e malicia.

Diz-se que tambem a atitude do rei provocou murmurios. O poeta e o rei serviram, durante algum tempo, a mesma causa: o primeiro por vocação, o segundo por distracção.

O *Tartufo* vive como um tipo de eterna verdade.

Luis XIV imaginou-o menos ambicioso. Se êle soubesse que espirito e animava, talvez se mostrasse menos solicito em o proteger.

* * *

ALFREDO [illegible] erros em materia religiosa, como antes o fizera em materia politica.

No seu recentissimo *Livro das Chymeras*, porém, palpita ainda um coração, uma seiva pagã, que não se mostra mui disposta a abdicar. Ha nele um perfume de pecado que indica claramente que o seu autor está longe do arrependimento integral.

* * *

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque que foi encarregado de proceder ás averiguações dos factos ocorridos durante a noite sangrenta, vai instalar-se definitivamente no quartel general da 1.ª divisão. Sabe-se que as averiguações estão muito adiantadas.

* * *

DIZEM-NOS do ministerio dos Estrangeiros que carecem absolutamente de fundamento as noticias publicadas nos jornais ácerca do provimento da legação de Madrid, assunto de que o ministro dos Estrangeiros ainda se não ocupou.

* * *

SUSPENDERAM a publicação, os nossos colegas *A Situação*, *A Opinião* e *O Mundo*. Este ultimo declara que deixa de publicar-se temporariamente, a fim de preparar uma grande remodelação.

* * *

PODE muito bem acontecer que as eleições não sejam ainda, no dia 29 de Janeiro. Caso isto se venha a confirmar, os partidos encaram a hipotese de convocar imediatamente o Congresso, tendo já trocado impressões sobre o assunto.

* * *

LUIZ de Montemor publicou um poema heroe-comico — *Os Bonecos*, com ilustrações de Leal da Camara. E' um mimo de literatura infantil. A edição pertence á *Luzitania*.

Musica

Concertos Blanch

Foi um verdadeiro acontecimento o concerto Blanch de anteontem. Morreu Saint-Saens e, como homenagem a essa grande figura da moderna musica francesa, o maestro Blanch resolveu fazer um festival composto de algumas das suas melhores composições. Formaram a primeira parte «Argel» e «Rêverie du soir» da «suite algerienne», «Tarantela» para flauta e clarinete, em que muito brilharam os srs. José Henrique dos Santos e Aniceto Grazina, e a «Dansa macabra», a cuja excelente execução o publico tributou entusiasticos aplausos.

Depois, intervalo, reboliço, cumprimentos dos conhecidos, visitas aos camarotes e... um gordo cavalheiro que deixou a delicadeza em casa e está a todo o momento a passar por diante de mim, pizando-me e empurrando-me com a maior sem-cerimonia, como quem faz a coisa mais natural deste mundo, para ir falar a uma pessoa conhecida que viu duas filas atrás e para ir comprar um programa e para ir tomar ar e para trazer o sobretudo...

Emfim, para tudo o que lhe lembra, só não se lembrando de que ao seu lado ha criaturas humanas, cuja paciencia tem limites. Oh! a galanteria, a velha galanteria portuguesa!...

A segunda parte é preenchida pelo magnifico quinto concerto, em que o grande pianista sr. José Viana da Mota assombra o auditorio pelos prodigios da sua arte dominadora. E' impossivel dar uma ideia do maravilhoso esbatido de sonoridades, do apaixonado ardor com que foi traduzido o primeiro andamento, «allegro molto», assim como das subtilezas de dição e dos requintes de expressão atingidos no segundo andamento, o andante sobre motivos egipcios, cujo encanto singular tão fundamente se sentiu, trazido até nós por essa genial interpretação.

Mas onde o grande artista atingiu o maximo de intensidade e de grandeza, foi no colossal «allegro» do fim, essa espantosa pagina de virtuosidade, onde o sr. Viana da Mota faz tanto ardor, tamanha bravura, tão extraordinario brilhantismo, que o publico levantou-se e num delirio aclamou-o freneticamente, obrigando-o a tocar fora de programa os encantadores e dificeis bailados de «Alceste» de Gluck-Saint-Saens.

Segundo intervalo.

Apresentação de homenagens ao grande artista, por parte dos seus admiradores de ambos os sexos. De passagem para o camarim, sinto a impressão de frio da nudez dos bastidores. Como tudo aquilo é falso e diferente do que nos parece cá de fora!.. Os bastidores de um teatro são a vida humana vista do avesso: por fora, luz, ornatos, brocados; por dentro, sombra, madeiras toscas, andrajos. E todos nós buscamos cuidadosamente esconder os bastidores da nossa alma, como se todos, afinal, não soubessemos que todas as almas os têem...

Mas o concerto continúa e a orquestra oferece-nos agora o tenue esfiar da «Roca de Onfalia», que tece caprichosamente nas cordas dos violinos a trama subtil das suas harmonias envolventes.

A «Marcha do Synodo» do «Henrique VIII» põe no concerto o seu fecho de oiro.

A proposito de Saint-Saëns, vem lembrar um facto bastante lisongeiro para o nósso brio artistico: a noticia das distinções que em Paris têem sido feitas á nossa pianista de canto, D. Lidia Cutileiro de Magalhães, que em Lisboa curseu o Conservatorio, sob a direcção do ilustre professor sr. Augusto Machado. Tempos antes de partir para Alger, onde morreu, Saint-Saëns conheceu-a, ouviu-a numa das suas composições e tais predicados artisticos lhe encontrou que lhe tributou os melhores testemunhos de apreço, dedicando-lhe algumas peças de canto e apresentando-a ao director de orquestra dos concertos Pasdeloup, o sr. René Bâton, que, por seu turno, a convidou a tomar parte nesses concertos, distinção de que nem todos os artistas se orgulham, porque para isso são bastante seleccionados.

E' êste um facto a que, como compatriota da distinta artista, sinto o maior prazer em dar publicidade.

Oliva Guerra.

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Grande Café de Italia
DEJEUNERS
A' PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos
nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18

RESPOSTA A UM ARTIGO

A mocidade de sempre

Carta a Norberto de Araujo

Eu, que sou novo e que trago no meu sonho um sol que nunca finda, um sol que nunca ha de ser crepusculo, venho dizer-lhe o meu contentamento quasi infantil pela coragem, pela elegancia moral do seu artigo—onde tumultúa, onde resplandece, onde lateja uma ode á adolescencia do espirito, do triunfo da mocidade!

Você, Norberto de Araujo, reviveu seculos, galgou distancias seculares, no seu desejo tão belo de dar á mocidade a sua corôa de louros. Na minha alma eu ando a sentir de ha muito uma certeza heroica. O meu coração bate mais, sente mais. Na minha quimera ha um eterno pregão azul de esperança! E' que eu, levado pelo exame da vida, a mil e um caso emocionais, compreendi agora que a mocidade é a unica certeza eterna. Viver é cantar com a alma. Viver é crear o sonho, viver o sonho, levantar os braços num evohé, dizer bem alto que a vida é o sonho mais alto, é o mais esvelto enleio que a alma amamenta, que a alma acarinha!

E' nos meios dias fulgentes que o sol confessa o seu triunfo, que o sol todo se veste de oiro, numa aureola, é na primavera que a paisagem é um noivado surpreendente e a côr diz o seu hino vegetal, é na mocidade, é dos vinte aos trinta e cinco anos, que o espirito se fórma em genio, que a alma sofre o desejo de crear, que o talento acalenta o sonho duma vitoria, é na mocidade que a dôr moral, que a dôr de sentir vive, triunfa, canta a sua perfeição, o seu desejo sobrehumano de eternidade!

Você, sem querer, levantou o pregão mais alto! Nun'Alvares firmou a patria sendo moço. Camões escreveu o seu poema de mar alto, de sangue luziada, onde a raça delira e tem extase, sendo moço. Dom Sebastião levou a raça para o crepusculo agonico, para o jardim feerico de Alcacer-Kibir coroado de lanças, corceis e guitarras, sendo moço!...

A mocidade é o unico sonho heroico que o meu sonho compreende. A mocidade é o grito mais alto, é a vitoria mais leda, é a quimera mais divina... vivendo, lutando, creando, morrendo, sonhando sempre a juventude é o meio dia fulgente do corpo, é o sol mais formoso da alma.

Apolo diviniza-se em nós. Apolo em nós é o triunfo eterno. Eu amo a vida, grito alto o meu desejo de viver! O' nascentes de agua virgem, ó mares azues de cobalto, ó colos adolescentes, ó bailarinas desnudas, ó paisagens em noivado, ó rios de agua desmaiada, ó montanhas que tocais o céo, oceanos desvairados, corpos eleitos, poetas, pintores, herois, sonhadores, todos vós que sofreis, que cantais, que morreis a cantar a vida, lembrai-vos que a vida é a mocidade apenas, é juventude apenas, é infancia apenas!...

Você, Norberto de Araujo, foi para mim, um cavaleiro antigo. Você gritou o seu desejo de que a mocidade vença. Morte a todos os caducos, a todos os que findaram, aos velhos inuteis, aos incapazes de crear, aos impotentes da vida.

A mocidade tem que vencer.

A mocidade é a canção divina que oiço todos os dias sem que ninguem ma diga. E' a canção do ouro quando há sol, é a canção de quem soluça quando a paisagem chora nas chuvas bailantes, caindo, caindo, é a canção das fontes quando na minha alma o mal é uma medalha do pescoço da noite, quando a noite está em camara ardente.

A mocidade é a unica vitoria, a subida para o danunziano caminho que conduz ao Capitolio, que conduz ao triunfo da forca sobre a inercia, ao triunfo da luz sobre a negrura incerta da incapacidade! As fontes exangues findaram o enleio branco da agua quieta e virgem. Os caducos, os velhos findaram, cairam num crepusculo que nunca mais, que nunca mais será aurora, meio dia, sol fulgente!...

A mocidade portuguesa bem cedo há-de vencer, na politica, na arte, no comercio, no trabalho, no heroismo, no amor, na quimera de vencer a propria vida! Há-de vencer se já não está vencendo na vida!

Evohé aos que lutam sempre, áqueles cuja alma é um eterno sonho azul, sonho que não finda nunca, que não termina nunca!...

Norberto de Araujo, eu, por mim, saudo a sua coragem, o seu grito de adolescencia tão raro, tão belo, tão elegantemente cavalheiresco. A alma eterna da raça, a alma imortal da juventude e da grei, tiveram em você um arauto! Por mim o saudo, por mim e por todos! Escreve-lhe alguem que nunca deixou de erguer a sua lança. Alguem que vive, que vive sempre na certeza de vencer. Cruzar os braços para a vida e para o sonho creador é ser suicida.

A vida é dos fortes, dos herois, dos creadores.

Evohé! evohé á mocidade portuguesa, que revive, que esplandece, que tumultua em nós, a nova Ala dos Namorados do Sonho!

E você, Norberto de Araujo, que tão alto levantou o seu pregão de certeza continui sempre a gritar o seu surpreendente e divino desejo de triunfo. E' preciso que aos velhos sucedam os novos. Que tombe o crepusculo dos que já não dão mais esforço á vida e venha a mocidade, a adolescencia, que venha a juventude levantar a alma heroica da grei. Acreditar em nós proprios é saber vencer a vida!...

E vencer a vida é lembrar que a morte é um sonho vago.

Pelas suas palavras eu o saudo e cumprimento!

E saiba crêr na minha admiração.

Correia da Costa

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado
"Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 509
Londres — 56, Ludgate Hill

PANCADA, MORAES & C.ª
Prata, ouro, moedas e notas de todos os paises, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer
: : : : compra aos melhores preços : : : :
RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. S. Julião)

"INCOMODINE"
GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rocio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção — C. 3194
Administração — C. 3195

Mundanismo

Aniversários

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria do Carmo Alves da Silva Nobre Sobrinho, D. Mariana do Vale Colaço, D. Albertina Elizo Lobo de Miranda, D. Gertrudes Mendes Mesquita Perry Vidal, D. Leopoldina Ema Guedes Teixeira, D. Maria Helena de Oliveira e Silva, D. Maria do Sacramento Daun e Lorena, D. Maria Antonia Forjaz e Miss Cordalia Philimor.

E os srs.:

Marquês de Chaves, conde de Penha Garcia, D. Antonio de Castelo Branco, dr. José de Albuquerque Pimentel de Vasconcellos, dr. Augusto de Castro Sampaio Corte Real, Higino de Mendonça, João Infante de Sousa Pizarro (Sabrosa), Policarpo José da Costa Lima e Frederico Sellers.

Recita de auteres

Está despertando grande interesse no nosso meio mundano a festa de homenagem aos felizes autores da lindissima opereta «A Morenina» do nosso colega na imprensa D. José Paulo da Camara, Luna de Oliveira e Filipe Duarte, que na noite de quinta feira proxima se realiza no vasto teatro de S. Luis.

A procura de bilhetes para esta sensacional recita tem sido enorme, sendo de prever que não fique um por vender.

Damos em seguida a nota das pessoas que já teem bilhetes:

Duquesa de Palmela, condessa de Ficalho, D. Maria de Jesus de Sousa Holstein Ornelas, D. Henriqueta de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, condessa das Alcaçovas, viscondessa de Santo Tirso, D. Sofia Burnay de Melo Breyner (Mafra), marquesa de Ficalho, condessa de Calhariz de Bemfica, dr. José Lobo de Avila Lima, general Oliveira Simões, D. Beatriz Figueira Freire da Camara da Costa Veiga, D. Eugenia de Melo Breyner da Camara, D. Rosa Barroso de Morais, Manuel de Sousa Brandão, D. Berta Macieira Reis, D. Emiiia Brederode Smith, D. Sofia Ribeiro da Silva de Bragança, D. José Manuel da Cunha Meneses, D. Maria do Carmo da Camara de Castelo Branco (Pombeiro), condessa da Lapa, D. Carlota da Cunha Meneses da Camara, D. Mariana da Cunha Costa (Picoas), D. Maria Inês Seabra da Camara, Virgilio de Magalhães, D. Jorge de Menese, Eduardo Pinto da Cunha, Henrique de Paiva, dr. Santos Gomes, John George, dr. Lino Gameiro, João Perestrelo, Silva Nazaré, conde de Estarreja, Abel Moutinho, Alberto de Sampaio Baptista, Artur Trindade, etc.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Assistencia elegante á decima primeira recita de assinatura ordinaria, segunda em que se cantou a opera «Huguenotes».

Madame Fontoura Xavier e filha, duquesa de Palmela e filhas, marquesa de Avila e Bolama, condessa de Calhariz de Bemfica, viscondessas de Olivais e filha, de Alvelos e do Marco e filha, baronesa de Almeida Santos e filha, D. Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornelas e Vasconcelos, D. Maria Tereza de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e filha, D. Cristina Rezende da Silva, D. Laura de Abreu Pais Pereira, D. Carolina de Vasconcelos Tompson, D. Alice Guedes de Heredia e filha, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Tompson, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Deolinda Rosa da Fonseca, D. Maria Benedita de Brito da Rocha de Melo e filha, D. Ana Marques de Freitas e irmã, D. Belarmina Gomes Neto Afonso e filha, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz de Trigueiros, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Eponina Mackee, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas e filhas, D. Elizabeth Pressler, D. Berta Marques da Costa do Couto Lupi, D. Helena Mauperrin dos Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Maria Bruno de Heredia, D. Berta Mauperrin dos Santos de Castelbranco, D. Josefa Street Caupers, D. Sofia da Rocha Machado, D. Amelia Rezende da Silva de Melo (Cartaxo), D. Alice de Abreu Loureiro e filha, D. Ludgera Empis, D. Sofia de Laxman Ferreira Pinto Basto de Mac-Nicoll, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Julia Couceiro Ferreira de Mesquita Borges, D. Luisa Portocarrero da Mota Ferreira Cardoso, D. Maria Antonia Tedeschi Placido de Melo Breyner (Mafra), D. Antonia Taborda Couto Bandeira de Melo, madame Rodrigo Peixoto, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria do Carmo Alves de Carvalho, D. Maria Pereira de Melo.

D. Vera Bettencourt Olavo, D. Maria Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Emilia Rebelo Maia, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Carolina de Carvalho Megre, D. Beatriz de Nogueira Sales, D. Amelia Monteiro, D. Margarida da Mota Canavarro, «madame» Lupi e filha, D. Joana Alves de Carvalho Lobo da Silveira (Alvito), D. Arminda Machado Talone da Costa e Silva, D. Maria Antonia Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Maria Margarida Street Caupers de Bragança (Lafões), D. Maria Emilia Felix da Costa, D. Lyce Abecassis Seruya, D. Luisa Faria Machado Perry Vidal, «madame» Euseblo da Fonseca e filha, D. Berta Macieira Reis, «madame» Nuno de Alarcão, D. Ester de Lencastro Laboreiro, D. Maria Luisa Bramão Reis de Amorim, «madame» Sarmento Brandão, D. Amalia Machado, D. Maria Amalia Lezameta Simões, D. Maria Natalia Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Maria Silvana da Fonseca de Barros Gomes, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Maria T. Perestrelo d'Orey Ferreira Pinto Basto, D. Maria de Lencastre (Louzã), D. Vitoria Davidson Perestrelo de Vasconcelos, D. Assunção Perestrelo d'Orey, D. Ana e D. Maria de Lourdes de Mendonça Cirne, D. Henriquete Luz da Camara, D. Maria do Carmo de Melo (Cartaxo) D. Octavia de Freitas Branco Sassetti, D. Maria da Paz Batalha, D. Elisa Pinheiro Chagas, D. Maria do Pilar Burnay de Verda (Mairos), D. Barbara de Laxman Ferreira Pinto Basto, D. Isabel Van-Zeller de Roure, D. Dalila Correia Leite, D. Maria Sofia Bleck de Lencastre (Louzã), D. Mariana e D. Maria Teresa Pinto Coelho, D. Mary Ryder, D. Margarida Moutela, D. Emilia Brederode Smith, D. Maria Teresa Marques da Costa, D. Maria Ivete da Silveira Sant'Ana, etc., etc.

Amanhã realiza a terceira recita de assinatura extraordinaria, com a opera «Thais».

Rapido de Madrid

No rapido de Madrid chegaram ontem a Lisboa as senhoras D. Maria Virginia French Duff Burnay, D. Maria Eugenia Duff Burnay de Carvalhosa e os srs. Frederico Burnay, João Carlos de Carvalhosa e Oliveira, Alfredo Vieira Pinto, Artur Gomes Bebiano, Mario de Moura Figueiredo, Eduardo Cardoso, Henrique de Assis Lopes e Alvaro Metrass de Campos.

Em viagem

A' sua casa em Algés regressou da sua quinta de Torres Novas o sr. conde da Foz.

—Com sua esposa a senhora D. Branca de Somer de Andrade, encontra-se ainda na quinta da Cardiga, na Golegã, o sr. Rui de Andrade.

—Do Monte Estoril regressou a Lisboa o sr. Eduardo de Mendonça.

—Partiu no «Beira» para S. Vicente de Cabo Verde o filho do maestro Filipe Duarte.

VIDA TEATRAL

A PEÇA "O JUIZ DE FORA"

O SEU AUTOR
ANDRÉ BRUN
FALA-NOS DA
sua vida de autor dramatico

(Caricatura de Amarelhe)

E' NO TEATRO
"TERRASSE"
QUE ÁMANHÃ
se representará em "première"

André Brun publicava ha dias em *A Capital* um curioso artigo em que relatava as impressões da sua estreia como autor dramatico, ha vinte anos.

E' conveniente dizer que, apesar do que duas dezenas de anos representam na vida de um homem, o autor da *Visinha do lado*, acusando apenas quarenta na sua certidão de edade, continúa até nos seus nervos irrequietos e na alegria do seu espirito as vinte primaveras que tinha quando se estreava, na Rua dos Condes, com o *Tabelião do Pote das Almas*, escrito na colaboração de um amigo dilecto, Carlos Simões.

Vai representar-se ámanhã no Chiado Terrasse, uma peça nova de André Brun, uma adaptação liberrima intitulada: *O juiz de Fóra*. O cronista das «Migalhas» é sempre interessante de ouvir. Ele tem a proposito de cada uma das suas peças uma historia e mil anecdotas que contar e pareceu-nos curioso entrevistar o creador do «Praxedes», a fim de lhe pedir noticias da sua nova produção dramatica.

* * *

E' num rez-do-chão do bairro do Conde de Redondo que André Brun organisou um *pied-à-terre*, enquanto não levanta vôo novamente para Paris, onde ha três anos fixou residencia. Entra-se no seu gabinete de trabalho, que duas janelas iluminam e tudo, desde o cretone que fórra os assentos e os divans até ao grande *abat jour* pendurado ao centro do tecto, desde as flôres que abrem em todas as jarras até aos titulos dos livros que andam por sobre as mesas, tudo é alegre. Inumeros retratos, desenhos e caricaturas, atestam a amisade e simpatia de artistas, de comediantes, de literatos portugueses e franceses e, nas estantes, a mais ecletica das bibliotecas, é um vivo espelho das multiplas facêtas do espirito do dono daquela casa. Abundam as caixas de cigarros e os cinseiros, bem como os retratos de D. Aninhas, pois André Brun, além de um fumador incorrigivel, é o pai feliz de uma gentilissima bonequinha de sete anos, hoje a sua maior e quasi exclusiva preocupação.

* * *

O que escreveu *A malta das trincheiras* e foi durante a guerra comandante de batalhão de infantaria 23 entra, no seu pijama, e, mal lhe pedimos que nos dê algumas notas acerca do *Juiz de Fóra* e da sua carreira de autor dramatico, diz-nos o seguinte:

— Meu caro. Já contei noutro dia, muito pela rama, como me correram as cousas quando da minha estreia. Fui então e tenho sido depois um menino mimado da sorte. E' preciso dizer que, tendo feito representar ainda no Condes — e ha vinte anos tambem — uma peça num acto escrita para Cecilia Neves, que era então a rainha das *pauliteiras* e que hoje teria muito que aprender nessa materia com algumas das nossas mais categorisadas artistas, estive cinco anos sem trabalhar para o teatro, até 1907. Se lhes acrescentar mais três, de 1917 a 1919, que tambem ocupei em lavores de maior urgencia, verificará que tenho, afinal, doze anos de carreira efectiva. Durante esse tempo fiz representar quarenta e nove peças, quatro por ano em media — se bem que num ano fizesse representar sete — ou seja um total de cento e doze actos.

Foram vinte e nove originais—doze em colaboração—onze adaptações e nove traduções, das quais uma em colaboração. Isto representa mais de três mil representações. Fui representado em todos os palcos de Lisboa, excepto no Coliseu dos Recreios, em todos os teatros do Porto, em quasi todos do Rio de Janeiro, em muitos dos varios Estados do Brasil e em alguns das ilhas adjacentes. Fui ultimamente representado nas provincias ultramarinas. Deveria estar rico; mas ha uma certa dificuldade em cobrar os direitos, principalmente no Brasil, na Empresa Teatral L.ta, e na provincia de Moçambique.

Tive por interpretes todos os artistas notaveis do meu tempo e, caso absolutamente unico, Augusto Rosa e Lucilia Simões representaram o prologo de uma das minhas revistas de ano. Tenho cultivado desde o drama,—veja-se *Codigo penal, art.* ***—até á farça de entremês—veja-se *Entremês do dr. Cupido*. Colaborei com Shakespeare quando adaptei o *Mercador de Veneza* e fui auxiliar do sr. Leandro Navarro, quando se cometeu o *Paiz do vinho*. Tive outros colaboradores de classe intermedia, como Julio Dantas, Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Foca, Chagas Roquete, e, no fim de tudo isto, metendo a mão na minha consciencia, reconheço que ainda não escrevi nenhuma obra prima. Premedito, no emtanto, meter ombros a ela, logo que termine vinte e três empresas de somenos importancia que trago entre mãos.

—E *O juiz de fora?*

—Tencionava fazer representar no Chiado Terrasse *Os novos pobres*, uma comedia muito proxima parente da *Visinha do lado;* mas circunstancias varias fizeram com que antes désse á companhia de Luz Veloso uma outra peça. Adaptei, o mais livremente que se pode imaginar, uma comedia francesa, já antiga, cortando-lhe quatro personagens, remodelando todo o segundo acto, transplantando e modernizando a acção, alterando o desenho de certas personagens e modificando pormenores da acção. E' essa *O juiz de fora* que o Terrasse vai estrear.

Os esforços de Luz Veloso e da sua companhia não teem sido justamente apreciados até agora. O publico não tem acompanhado, como seria licito esperar, a boa vontade de um pequeno grupo de artistas, trabalhando com vontade num teatrinho alegre e simpatico.

A empresa fôra gentilissima comigo, não deixando de insistir num convite com que logo me penhorara á minha chegada a Lisboa, ha três ou quatro meses. Tenho feito tudo quanto tenho podido para corresponder a tal gentileza, acompanhando os ensaios com a maior assiduidade e reforçando ás vezes com a minha aprovação o trabalho inteligente que Luz Veloso tem tido para enscenar aqueles três actos, alegres ao que parece e que, em boa verdade, eu, pela minha parte, tambem acho divertidos.

Luz Veloso tem o seu nome feito e os seus camaradas teem demonstrado a maior boa vontade. Não tenho senão que lhes agradecer. Dois actos da peça passam-se em Santarem, em casa de um juiz de direito, o segundo na casa de um rapaz solteiro na praça da Alegria. Os scenarios e mobiliarios foram cuidados e escolhidos; o quinteto, como sabe, é composto de cinco distintos professores, e será o que Deus quizer...

* * *

André Brun, dentro da sua casa de trabalho, com um cigarro na boca e estiraçado em cima de um dos seus *divans*, parecia satisfeitissimo.

Preguntamos-lhe ainda:

—E depois disto?

—Já a requere uma opereta no S. Luís. Três actos pitorescos, passados em 1835, com musica de Pedro Blanch e escritos com Carlos Simões, o meu primeiro colaborador e querido amigo. *L'on revient toujours*... Depois, se Deus me der vida e saude e se eu me demorar por cá, variadissimas cousas. O Foz quere uma revista, Erico Braga uma comedia, o Robles outra, Chaby pode contar comigo, Mendonça de Carvalho espera que eu lhe mande qualquer cousa... Amarante é meu amigo, o Nacional precisa de uma peça alegre...

«E' muito provavel que um outro grande projecto se realize, isto emquanto não surdem do chão os teatros novos anunciados desde ha muito e onde será possivel, pelo menos num, pôr em pratica as montagens complicadas que o apetrechamento dos palcos actuais não permite e são exigidos por uma revista e uma peça de espectaculo que tenho em carteira.

Os meus votos são para que o mais breve possivel se dêem as anunciadas catastrofes do que resulte tornarem-se mais homogeneas as companhias. E' hoje muito dificil ser-se autor dramatico. A todas as dificuldades do oficio soma-se a deficiente constituição de quasi todos os elencos e, se é sempre duvidoso ir á caça, pessimo é levar certos perdigueiros. Na minha vida de autor sempre me tenho lembrado do conselho de minha mãe que nunca deixava de me dizer quando eu saia de casa:

—Filho! Livra-te das más companhias...

Eu tenho feito a diligencia; mas ás vezes...

* * *

Prolonga-se a conversa sobre teatro e André Brun, que continúa a receber, recambiados de Paris, convites para os ensaios gerais dos teatros parisienses, fala-nos largamente do movimento dramatico francês, das ultimas revelações, de *Une faible femme*, de *La souriante Madame Bendet*, conta-nos das enscenações de Jemier e do Vieux Colombier, dos scenarios de Bertin e dos fatos de Poiret e, quando nos despedimos, ele suspira:

—Ah! meu amigo, se aqui tivessemos as colaborações que por lá ha, como seriamos melhor defendidos...

E, retendo-nos a mão, André Brun explica:

—Os nossos artistas estão habilitados para fazer tudo. Falta-lhes só uma cousa: sairem daqui, ir ver como se faz. Sofrem do mal de que enferma a maior parte das actividades do país: não acompanharem o movimento do mundo inteiro ou, pelo menos, daquele cujas lições são facilmente adoptaveis...

Coliseu dos Recreios

=HOJE E ÁMANHÃ NÃO HÁ ESPECTACULO=

QUINTA-FEIRA, 12

Estreia da NOVA COMPANHIA DE CIRCO

Com as ultimas novidades mundiais

A BILHETEIRA ABRE ÁMANHÃ

TEATRO NACIONAL

Sexta-feira, 13 de Janeiro de 1922

4.ª RECITA DE ASSINATURA

1.ª representação da peça em 3 actos, dos Irmãos Quintero, tradução de Alberto de Morais

O CENTENARIO

PERSONAGENS: «Mariquinhas», Ilda Stichini; «D. Joana», Augusta Cordeiro; «D. Filomena», Laura Hirsch; «Eulalia», Ana de Oliveira; «Maria do Carmo», Acacia Reis; «Rosa», Maria Helena; «Tio João do Monte», José Ricardo; «Raul», Rafael Marques; «Evaristo», Joaquim Costa; «Romão», Jorge Grave; «Alonso», Luis Leitão; «Manuel», Antonio Nascimento.

Arenales del Rio — Actualidade

Enscenação de Augusto de Melo

Scenario de Campos & Oliveira

Guarda-roupa da Empresa Materiais de Teatro

SEXTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO

AVENIDA

PAI SIMÃO

SEXTA-FEIRA, 13

PARA REAPARIÇÃO DA ACTRIZ

LUISA SATANELA

— O TOUREADOR —

EDEN-TEATRO

QUINTA-FEIRA, 12

Recita de homenagem a Nascimento Fernandes

em que toma parte por especial deferencia o distinto actor

ESTEVÃO AMARANTE

que desempenhará no quadro PAX, da revista NOVO MUNDO, a sua genial criação

O FADO GANGA

Primeira representação

1922

quadro novo do TIC-TAC e Uma surpreza sensacional

TEATRO SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz

Companhia Otelo de Carvalho

— HOJE — EM DUAS SESSÕES —

ESTREIA DE LINA DEMOEL

Na imortal e graciosissima revista

Bichinha Gata...

Ampliada com 5 numeros novos

A Indecisa—Mademoiselle dos Três Oitos — A Tagarela — O homem das lãs e novos fados por TINA COELHO

O «compére» ANTONIO GOMES — Brilhantes papeis por LAURA COSTA — Sucesso de gargalhada OS POLKISTAS, por OTELO DE CARVALHO e JULIA DA ASSUNÇÃO.

PREÇOS POPULARES

APOLO

RECITA DOS AUTORES

— 3.ª feira, 10 — Ás 21,15 —

15.ª representação

É O LEVAS!...

Original de Raul Leal, Alfredo Guerreiro e Candido Malheiro.

HOJE

RECITA DOS AUTORES

POLITEAMA

Telef. C. 1028 A's 21,15

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

A peça de extraordinario exito e criação admiravel de LUCILIA SIMÕES

ZÁZÁ

SABADO, 14. — Recita extraordinaria — Festa de Lucinda Simões.

Idilio de velhos e Visita de nupcias

Domingo, 15 — Concerto extraordinario — FESTIVAL WAGNERIANO pela

Orquestra Sinfonica de Lisboa

sob a regencia do maestro FERNANDES FÃO

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Gratidão

Num «tea-room». Ela, loira, trinta anos, casacó e «toque» de lontra, olhos maliciosos. Ele, a mesma idade, glabro, impertinente, moderno. Tomam chá.

ELE—Não compreendo a sua simpatia pelo João, que quere?

ELA—Porquê? E' tão natural...

ELE—Simpatia desinteressada... é claro, não posso atribuir-lhe outra por um ente tão detestavel...

ELA—Detestavel?... Não acho...

ELE—Não acha? Com aquela bôca em «chalet», como diz o Chico...

ELA—Mas tem uns dentes bonitos...

ELE—Lindos... tão iguaes, tão certos!... Não devem ser dele... Quando se ri, julgo sempre vêr abrir um piano.

ELA—Mas não é maldizente, como você.

ELE—Contenta-se de ouvir, com aquelas orelhas que parecem postigos abertos.

ELA—Ora, as orelhas! ninguem repara nas orelhas.

ELE—Conforme. Em certos animais são complemento indispensavel... chegam a ser um distintivo. As de Cleo de Mérode ninguem as via... supunha-se até que não as tinha...

ELA—Era talvez para não ouvir as tolices que os homens lhe diziam.

ELE—Provavelmente não era tão indulgente para eles como você para o João.

ELA—Se você me fizesse a corte... não faz...

ELE—Está certa disso?...

ELA—...julgava que tinha ciumes do João.

ELE—Não tenho, descanse. Para a primeira hipotese estou ás suas ordens...

ELA—Por dever de cortezia... Emfim, concorde que o João é um rapaz educado e inteligente...

ELA—Seria demasiada abnegação... Se quizer concordo comsigo que reina a paz universal, mas não concordo que o João seja inteligente.

ELA—Pois eu tenho o dever de o considerar como tal...

ELE—O dever?...

ELA—Sem duvida. O João diz em toda a parte que eu sou a pessoa mais interessante, mais graciosa, mais cheia de elegancia e de excepcionais qualidades qne ele tem encontrado...

ELE—Não é tão tolo como parece...

ELA—E' exactamente o que eu penso... desculpe-me a vaidade... E quere você que eu tire o merecimento e a autoridade de uma opinião que me favorece, dizendo que o João é feio e tolo?... Seria uma gaffe...

ELE—Começo a entender...

ELA—...E uma ingratidão. As pessoas mais apreciaveis são as que dizem bem de nós...

Maria de Carvalho

As pensionistas do ministerio da Guerra pedem melhoria de situação

Com regular concorrencia, reuniram hoje as pensionistas do ministerio da Guerra, no edificio do Coleginho, a fim de aprovarem um memorial que vai ser entregue ao presidente do ministerio.

Falaram algumas pensionistas, que demonstraram a disparidade que há entre elas e as suas colegas do Estado, que têm de subvenção 30$00 mensais, pensões de sangue e montepios, ao passo que elas, mulheres, mães e filhas de oficiais do exercito, têm apenas a subvenção de 6$00 mensais, que mal chega para comprar um pão.

Foi resolvido nomear uma comissão para ir pedir ao governo que as equipare na subvenção ás suas colegas do Estado.

A reorganização do ministerio dos Estrangeiros

Consta que o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros tenciona apresentar ao Parlamento várias modificações na actual reorganização do seu ministerio.

Cruzador "Carvalho Araujo"

Foi nomeado o 2.º tenente medico sr. Francisco da Fonseca, para seguir viagem a bordo do cruzador «Carvalho Araujo», em substituição do 2.º tenente medico sr. Tovar Faro.

RECORDANDO O PASSADO

O ENGENHEIRO SR. SOUSA DE SARREA PRADO E O SEU MEIO SECULO DE RECORDAÇÕES

EM QUE SE FALA DO CASAMENTO DO DUQUE DE PARMA COM A INFANTA D. MARIA ANTONIA DE BRAGANÇA

A proposito da passagem em Lisboa da ex-imperatriz-rainha Zita

O engenheiro sr. Sarrea de Sousa Prado, que hoje quiz ter a amabilidade de falar ao *Diario de Lisboa*, já não é do nosso tempo. Uma boa parte da sua vida decorreu em castelos de principes e de princesas, ora em Lindau, ora em Bronnbach, ora em Lucerna, onde fez companhia a algumas pessoas reais da casa de Bragança, da casa de Austria e da linha ducal de Parma.

O engenheiro sr. Sarrea de Sousa Prado, que ante-ontem foi á estação do Rocio beijar a mão da ex-imperatriz da Austria, é hoje o unico português que guarda ainda a recordação do casamento do duque de Parma com a infanta D. Maria Antonia de Bragança.

No seu gabinete da rua da Gloria, onde as velhas fotografias de ha trinta e sete anos recordam as datas em que as rainhas de hoje eram princesas, o ilustre engenheiro faz passar pela nossa frente um cortejo de recordações, que a sua memoria de septuagenario não atraiçoa ainda.

—Lembro-me como se fôsse hoje. Foi em Cannes que o duque de Parma conheceu a senhora infanta D. Maria Antonia, mãe da imperatriz Zita. Fizeram um casamento de amor. Tive a felicidade de os acompanhar durante algum tempo na sua lua de mel, primeiro na Alemanha — junto ao lago de Constança — e mais tarde na Italia, onde tive a honra de ser hospede da rainha Margarida de Bourbon.

O engenheiro sr. Sarrea de Sousa Prado, uma figura interessante de legitimista, que guarda as melhores recordações do exilado de Bronnbach e da princesa D. Maria Aldegundes, fala-nos da influencia do numero 7 na casa ducal de Parma.

—E' uma influencia que se reflecte tambem na minha vida. O numero 7, ou um multiplo de 7, anda ligado ás minhas alegrias, ás minhas dôres, até ás minhas nomeações para cargos oficiais. Foi no dia 7 de setembro que o duque de Parma desposou a infanta D. Maria Antonia. Os convidados reais tinham chegado á pequena estação alemã que serve o castelo do duque de Levenstein em 7 carruagens. Aquela em que viajou o arquiduque da Austria, com sua esposa, tinha o numero 7. Foi num dia 7 que o duque de Parma obteve consentimento para casar com a infanta D. Maria Antonia.

Podia citar-lhe ainda outras coincidencias do numero 7. Mas basta que lhe diga que foi a 7 de Janeiro que a imperatriz da Austria chegou á terra de seu avô, onde nunca tinha estado.

O engenheiro sr. Sarrea de Sousa Prado levanta-se e vai mostrar-nos um alfinete de ouro com o numero 7, cravejado de rubis, que lhe ofereceu o duque de Parma.

—Quando fui apresentar os meus cumprimentos á imperatriz Zita, mostrei-lhe o anel que seu pai me tinha oferecido. Já lá vão trinta e sete anos... Ainda ela não tinha nascido...

***

O sr. Sarrea Prado, que ainda hoje conserva o trato delicado e afavel de quem viveu em castelos de principes e de princezas, recorda uma caçada com a arquiduqueza da Austria, um passeio a cavalo com a princeza Branca de Bourbon e com o principe D. Jaime —uma criança cheia de vida, cheia de nervos, que galopava á frente no seu *poney* e que a certa altura se perdeu no caminho—e a travessia do tunel de S. Gothard, na companhia da senhora infanta D. Maria das Neves, a caminho da Suissa, onde iam passar algum tempo num dos castelos onde costumava residir o sr. conde de Bardy.

O sr. Sarrea Prado faz passar diante dos nossos olhos dezenas de fotografias de reis, de principes, de arquiduques, que a sua memoria recorda em todos os pormenores da sua vida.

— Aqui tem a princesa Branca de Bourbon, que acompanhou sempre o marido — o infante D. Afonso — na guerra de Espanha. Vestem o uniforme de zuavos.

E depois outra:

—Estes são os duques de Parma, os pais da ex-imperatriz Zita. Esta é a princesa D. Maria Aldegundes, a olhar o idilio dos dois noivos, que tinham casado há pouco.

E depois das fotografias, vêm outras recordações. Um punhal, uma preciosa obra em talha, onde guarda o retrato da princesa D. Maria Aldegundes, um relogio, pequenas preciosidades de «bric-à-brac» e o alfinete que é o simbolo da influencia do numero 7 na casa ducal de Parma.

O sr. Sarrea Prado, que deixa correr o tempo com delicia a falar das suas viagens, das suas recordações, da vida que os principes levavam nos seus castelos da Alemanha, da Suissa e da Italia, prende de tal modo o ornalista com a sua palavra facil e enternecida de saudade que ainda na escada—oh, coincidencia!—quando trocavamos o 7.º aperto de mão, nos disse a maneira fidalga como o exilado de Brounbach recebia sempre os portugueses que passavam pela Austria e manifestavam o desejo de lhe falar. O sr. dr. Antonio Cabreira esteve lá um dia e veiu encantado.

A Policia de Segurança do Estado vai ser dissolvida

A selecção dos seus agentes

E' certo que a P. S. E. vai ser extinta, passando todo o seu serviço para a antiga policia de informação, que terá como chefe o sr. Antonio Damião dos Santos, actual adjunto daquela policia e como encarregado da secção o chefe Teixeira.

Os agentes que actualmente se encontram na P. S. E. vão ser seleccionados.

Aqueles que forem afastados serão colocados em diversas repartições publicas.

O sr. Damião dos Santos está na disposição de fazer uma completa organização policial. Para isso pensa tambem em afastar do serviço da policia de informação varios elementos que passarão ao serviço da segurança publica, visto que na sua maioria são policias.

Ainda a posse do governo Cunha Leal e os politicos de Pena

Uma saudação dos reconstituintes

A comissão paroquial do partido republicano reconstituinte da Pena, de Lisboa, comunicou ao governo que na sua ultima sessão aprovou, por unanimidade, uma saudação ao ilustre republicano, capitão sr. Cunha Leal, felicitando-o pelo bom exito que teve na formação do seu ministerio, fazendo sinceros votos porque a sua estabilidade seja longa, oferecendo todo o seu apoio moral e pessoal e desejando que ele e todo o governo sejam inexoraveis com os bandidos, assassinos e agitadores de profissão, para de vez se entrar no caminho da legalidade e da ordem.

UMA OBRA DE TEATRO

"O CENTENARIO"

Uma auto-critica dos irmãos Quinteros

ácêrca da peça espanhola que sobe á scena no teatro Nacional na proxima sexta-feira, 13 do corrente

Algumas horas depois de haver terminado no Teatro da Comédia, em Madrid, em Dezembro de 1909, a primeira representação da peça *O Centenario*, que vai subir á scena no Nacional, na proxima sexta-feira, os irmãos Serafim e Joaquim Alvarez Quintero, seus autores, escreveram para a revista madrilena *El Teatro*, a seguinte auto-critica:

«Quatro palavras, porque quem as pede não dá tempo para mais. Traçámos estas linhas horas depois da primeira representação da nossa comedia, ainda fatigados das duras emoções porque passámos.

Pretendemos, quando escrevemos *O Centenario*, fazer uma comédia de clara e simples poesia; uma comedia que não fôsse mais do que um canto de amor á Vida e de esperança nela. *A vida não é só o inverno*, diz o *Tio João*, o protagonista da obra, a Raul, moço enlouquecido que da vida quiz desertar porque uma mulher era simplesmente «coquette». *Diz-io quem, como eu—ainda que velho—viu brotar as flores de cem primaveras e ouviu cantar as andorinhas de cem verãos. Nunca é tarde, Raul. A vida segue; a primavera volta. O homem só morre uma vez, mas nasce todas as manhãs ao abrir os olhos.*

Pensamos nós qne a esperança, o ideal da vida, a luz plena que ha de encorajar-nos a caminhar sempre sem rodeios, teriam profunda e serena emoção, cantados pelos labios trémulos de um velho, cheio de coragem e de forte experiencia. A' realidade prática dessa figura, ao consolador estímulo de quanto ele diz e faz, como quem vê os homens e as coisas do alto de uma montanha, cremos nós que se devem os aplausos de ha poucas horas... e a nada de melhor os queremos dever.

Acertámos? Isso nos compraz. Enganámo-nos? Oxalá saibamos de futuro ver melhor. Apezar de tudo, uma obra em que se canta a Esperança não faz se não dar-nos alento a que prosigamos.»

VIDAS QUE PASSAM

Juiz Nogueira Souto

Deve ser transportado no proximo sabado para Angeja o corpo do juiz da Relação de Lisboa, que faleceu ha pouco nesta cidade. A Camara Municipal daquela vila associa-se á homenagem que os seus patricios lhe vão prestar, mandando colocar uma lapide com o seu nome na estrada que por sua iniciativa se construiu e que liga Angeja a Alquerubim. Haverá exequias na capela de Santa Joana. O finado foi presidente da Camara Municipal daquele concelho.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

ARTE DOS NOVOS

O PINTOR FILIPE

Vai fazer a sua exposição em Coimbra

Uma entrevista com o autor do quadro "Salomé", ha dois anos exposto numa rua de Madrid

Os leitores lisboetas, e os criticos e apreciadores de Arte, principalmente, devem estar lembrados do pintor Guilherme Filipe, ácêrca do qual, ha cêrca de ano e meio, no *Seculo* da noite (ao tempo não existia o *Diario de Lisboa*), um nosso camarada de redacção escreveu um artigo, acompanhado da fotogravura de um quadro, *Salomé*, artigo que provocou uma graciosissima e bem confeccionada carta do pintor em questão ao infeliz jornalista.

O pintor Guilherme Filipe, que possue reais qualidades de artista, a despeito da sua modestia e ingenua maneira de pôr as questões, tem trabalhado, progredido. Ha tempos, em Coimbra, o nosso camarada redactor, a que aludimos, visitou o «atelier» Filipe e veiu de lá com uma impressão satisfatoria. E' uma pintura de traço largo, ora destrambelhada, ora romantica, ora confusa, mas onde ha qualquer cousa além das tintas.

Na nossa redacção pudemos colher agora as impressões pessoais do moço pintor, que tem em si proprio qualquer cousa de medieval na maneira de sentir a Arte, e está francamente confiado na sua invulgar escola.

Ouçamo-lo:

— Não sou um futurista, sou um pintor que pinta porque sim!... (textual).

Ha voluntariedade no dito. A seguir fala da sua acção neste momento:

— Vou fazer uma exposição em Coimbra — diz textualmente —. Não sei como será recebida nem isso me interessa, mas eu devo dizer, antes que algum critico a veja, que a minha pintura é feita para os criticos e para mais ninguem; e se eles quizerem que eu seja um grande pintor hão-de olhar os meus quadros com respeito e tratar-me como se trata um velho apesar dos meus 23 anos. (Textual)

Interrogámo-lo ácerca da sua maneira. Ele desenvolve:

— A minha paisagem como ambiente de estado e creação artistica, não é mais que o esgotamento da hora adentro da ansia de realisar, no momento em que a luz se transforma no sensacionismo das formas. (Textual).

— Qual é a caracteristica dos seus quadros? Como apresenta Coimbra na sua exposição?

Ele enfrente o nosso camarada e diz:

—Não é a mim que me compete dizê-lo. Os criticos dirão depois, a seu tempo.

—Pedimos perdão. Nós julgavamos que se podia saber desde já.

Falámos dos seus projectos. O simpatico artista, cuja originalidade já devem ter sentido, *in verba*, disse-nos que vem a seguir fazer a exposição em Lisboa, devendo então seguir para o estrangeiro.

—Vou ver se descubro Portugal lá fora! (textual).

Falámos incidentalmente de pintura moderna. O pintor define então a sua maneira especial:

—A pintura moderna portuguesa pouco me interessa. Em Nuno Gonçalves e João Vasco é que está o valor (textual).

E rematando, brada:

—Salvé Nuno Gonçalves!... (textual).

Já depois de escritas as palavras acima apareceu-nos de novo o moço pintor que muito insistiu connosco para completarmos a sua entrevista.

— O que eu disse não chega bem. Não está completo.

E fez-nos mais estas declarações, que gostosamente ainda que com falta de espaço publicamos:

— Se os criticos quizerem que eu seja um grande pintor hão de tratar-me como um velho ou levar comsigo a Coimbra um delegado do governo para me comprar a exposição em peso e pregar com todos os meus quadros no

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

UMA HISTORIA PEREGRINA

O EDIFICIO DO INSTITUTO DOS MUTILADOS E A CRUZADA DAS MULHERES PORTUGUESAS

DE COMO O ESTADO PRETENDE OCUPAR UM EDIFICIO QUE LHE NÃO PERTENCE, VISTO A CRUZADA O TER ALUGADO

O "Diario de Lisboa" entrevista a sr.ª D. Ana de Castro Osorio

O escritorio de Ana de Castro Osorio, voltado para o Aljube, a uma ilharga da Sé, tem um ar antigo e adormecido. Ha um contador antigo, uns panos velhos e preciosos, duas janelas largas onde o sol vem bater carinhosamente; livros, muitos livros, arrumados em estantes sem vidros.

Meio dia. Um relogio marca as horas, numa casa contigua, com sons enferrujados, misteriosos, cavos, que dariam uma cronica.

.....

Eis a senhora D. Ana de Castro Osorio, um pouco gorda, simples na palavra; pedras antigas em dedos de escritora.

Fala-nos na sua Cruzada das Mulheres Portuguesas. Uma tragedia longa, cortada de observações, em que ela por vezes femininamente busca a nossa opinião.

—A Cruzada das Mulheres Portuguesas foi uma ideia minha e da esposa do sr. Bernardino Machado. Não tinha politica...

—Como se disse...

—Se os governos lhe emprestaram alguma foi simplesmente patriotica. Norton de Matos deu-nos dois edificios: o de Campolide e o de Arroios. Começámos trabalhando; subscrições; simpatias... Depois... veiu a revolução de 5 de dezembro.

—E a Cruzada?

— Continuou trabalhando. Apesar de terem ocupado militarmente o Instituto dos Mutilados, eu disse ao Tovar de Lemos que continuasse lá. Resistencia passiva.

— E o edificio de Campolide?

— Desorganizaram as instalações que principiaram apenas. O material cirurgico nem chegou a ser desempacotado...

— E para que era esse edificio?

— Hospital de guerra. Mesmo durante o periodo de Sidonio Pais a Cruzada não suspendeu os seus trabalhos.

A historia desenrola-se curiosa, interessante, pormenorisada demais. Chegamos ao governo do coronel Antonio Maria Baptista.

— Fez-se uma festa no Instituto. Reconduziram-nos. Foi lá o sr. presidente da Republica. O Instituto pertence-nos; é nosso. Até ha um decreto que foi sancionado pelo parlamento...

— Mas o que se passa agora?

— O que tem acontecido sempre. Quando aparece um novo ministro da guerra vamos em missão explicar-lhe a acção da Cruzada. Já me lembrei de um gramofone; o disco é sempre o mesmo.

Aqui uma opinião:

— Não foi só o exercito que foi para a guerra; fomos todos nós. Ele nas trincheiras; nós cá atrás, no nosso posto, sofrendo os horrores da conflagração.

Depois:

— No ministerio da guerra ha uma repartição, a quinta, que já de longe ambiciona a posse do Instituto. Primeiro para uma escola e foi lá um oficial que despediu todos os mutilados; mais tarde, para um hospital. Veja, um hospital! Era como se numa livraria quizessem instalar uma sala de jantar!

— Mas pertence o Instituto ao ministerio da guerra?

— Não!

— Mas não de verdade?

— Vai ouvir: o edificio foi-nos entregue pelo Estado, com a sanção do Parlamento; o material cirurgico comprado em nome da Cruzada. Existem as facturas. Como esta história é longa! Um dia, recebemos do ministerio da Guerra um oficio dizendo que o edificio não pertencia ao Estado, mas sim á duqueza de Palmela, oficialmente marqueza do Faial. Era uma sentença do Tribunal de Haya.

—Ficaram então sem o Instituto?

—Não, alugámo-lo á sua proprietaria. Já tinhamos alugado aos Bens das Congregações uma faxa de terreno onde se construiriam os pavilhões.

—Quanto é que pagam?

—Pouco e muito. Pouco para os tempos que vão correndo e muito para as nossas posses: um conto de réis por mês. Só pela parte que pertence á marqueza do Faial.

—E o que pretende fazer agora essa tal repartição?

—Esbulhar-nos do edificio. Na quinta-feira enviaram-nos uma nota, pela qual ficámos sabendo que ontem iria uma comissão de oficiais tomar posse do Instituto...

—O que fez a Cruzada?

—Reuniu-se e esperou. A comissão não foi. Fizemos saber ás autoridades competentes que só entregariamos o edificio, por vereditum judicial... Temos um advogado. Os srs. presidente do ministerio e Germano Martins receberam ontem telegramas de protesto...

—Em que fundamenta v. ex.ª essa perseguição do ministerio da guerra? Uma questão pessoal? Politica?

—Nem uma coisa nem outra. Questão de teimosia. Melhor: certa individualidade que mora para a Estefania e que quere ir trabalhar pelo ministerio da guerra, para o edificio do Instituto...

—Ainda ha mutilados?

—Mutilados já não. Temos orfãos de guerra e sinistrados do trabalho. Porque é preciso que a instituição continue. Um aparelho que se desarranja, uma infecção, um padecimento agravado. Lá fora, estes estabelecimentos permanecem... Só aqui...

—Mas v. ex.as venceram...

—Vencemos e estamos dispostas a resistir.

—Têm muitos recursos?

—Temos o produto das subscrições feitas pelas colonias portuguesas de todo o mundo... Tembem é outro caso curioso. O dinheiro vem sempre tarde quando é entregue ao Estado. Formalidades burocraticas, etc.

O CONSELHO DE MINISTROS

REUNIRÁ HOJE PELAS 22 HORAS

Foi adiado para esta noite, ás 22 horas, o conselho de ministros que estava marcado para hoje de manhã.

Neste conselho todos os ministros apresentarão um relatorio sobre os trabalhos que teem já em mãos ou que, sob a forma de propostas, tencionam levar ao Parlamento.

Uma agenda-brinde

Da Sociedade Alentejana de Seguros, com séde em Evora, «A Patria», recebemos e agradecemos alguns exemplares de uma interessante agenda-brinde.

AS FINANÇAS DA INDIA

E A REORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS

O governador geral da India, em vista da precaria situação financeira da provincia, pede para não seguir para ali mais oficiais e pede a aprovação de varias propostas de reorganização de serviços.

O comboio do Algarve

Ainda esta semana começará a partir de dia o comboio da linha do Algarve, satisfazendo-se assim os pedidos do povo desta provincia.

Os Teatros

Madame Pierat em Lisboa?

O Diario de Lisboa é o *primeiro jornal a dar uma boa noticia sobre a vinda a Lisboa duma tournée formada por grandes artistas do palco francês trazendo na sua frente madame Piérat, societaria da Comedia Franceza, e Lugné-Poe, director do teatro de «L'Oeuvre». Os srs. Augusto Pina e Carlos Alberto Ferreira já chegaram a um acordo.*

Parece que o representante dos dois grandes artistas aguardava a posse do actual administrador do teatro Nacional para entrar num terreno de negociações absolutamente pratico, alegando que o sr. Augusto Pina compreenderia melhor do que ninguem o valor do nucleo artistico que deseja apresentar porque o conhece e sabe a força de que dispõe. Depois de varias conferencias entre aqueles nossos amigos, que procuraram conciliar os interesses dos grupos que representam, assentou-se numa serie de espectaculos em que a grande actriz se apresentará no reportorio de Alexandre Dumas Filho, Pierre Wolff, Henri Bataille, S. de Porto Riche e Maurice Materlinck. Dar-se ha mesmo uma recita estraordinaria com a peça Aimer, *de Paul Geraldy e ultimo triunfo de Piérat.*

As nossas informações permitem-nos garantir que, entre outras peças, figuram Marionnettes, Marcha Nupcional *e o celebre* Monna Vanna.

Surgiu apenas uma dificuldade. Os artistas franceses queriam fazer a sua estreia em 23 de fevereiro. Ora esta data é inadmissivel, porque coincide com o Carnaval. Foi preciso portanto propôr um outro dia e tudo depende da resposta de Paris. Desde que esta seja favoravel, teremos em breve algumas noites de arte na Casa de Garrett.

Atraz do reposteiro

Parte ámanhã para Madrid, Barcelona e Paris, devendo regressar a Lisboa dentro de 15 dias, para depois seguir para o Brazil, o empresario sr. José Loureiro.

—O actor brasileiro Carlos de Abreu, jornalista, fazendo parte da companhia Cremilda de Oliveira-Chaby Pinheiro, vai solicitar permissão para realizar no salão nobre do teatro Nacional a sua anunciada conferencia sôbre o teatro no Japão, onde esteve como «reporter» de um diario do Rio de Janeiro.

—Requereram para societarios do teatro Nacional os actores Clemente Pinto e João Calazans, que ali estiveram já como artistas contratados, o ultimo durante muitos anos.

—Na festa artistica de Nascimento Fernandes, que se efectua no Eden, na noite de quinta-feira, far-se-há «reprise» de um dos quadros da revista «Novo Mundo», com os seus três primitivos interpretes: Nascimento Fernandes, Rafael Marques e Estevam Amarante.

—A empresa do Coliseu dos Recreios pensa em ceder para o proximo verão aquela casa de espectaculos a qualquer empresario que deseje explorá-la com peças de grande efeito e, portanto, com uma companhia portuguesa.

—No programa do espectaculo que se realiza no Nacional, comemorativo do centenario de Molière, figuram um acto da peça «O burguês fidalgo», tendo como protagonista o seu creador, Joaquim Costa, e um outro acto doutra peça do homenageado, cujos interpretes são dois ilustres artistas que há anos não trabalham em Lisboa, Eduardo Brazão, Augusto de Melo e José Ricardo participam igualmente dêste espectaculo.

—Pela entrevista que o «Diario de Lisboa» publicou ontem com o empresario José Loureiro verifica-se que, no corrente ano, sairão de Portugal para o Brasil cerca de 100 artistas portugueses, facilitando dêste modo as colocações durante o verão.

—Apesar do segredo com que ultimamente se teem feito os trabalhos da «tournée» Lucilia Simões-Erico Braga, ao Brasil, sabemos que foram contratados já cinco artistas que não pertencem ao quadro do Politeama e que Lucilia, para exemplo, se limitou a pedir apenas um contrato de três contos por mês.

—Alves da Cunha, na noite da sua festa, recentemente no Porto, recebeu em brindes objectos avaliados em sete contos.

—A novel e gentil actriz Maria de Lourdes Cabral dedica a sua festa artistica, que se realiza no dia 28, á imprensa de Lisboa.

—E' hoje que no teatro Apolo se realiza a recita de homenagem aos autores da revista «E' o levas...»

RECLAMES

S. Carlos—Para a estreia da notavel soprano, da Opera de Paris, Mireille Berton sobe ámanhã, quarta-feira, á scena a opera, de Massenet, «Thais», em 3.ª recita extraordinaria.

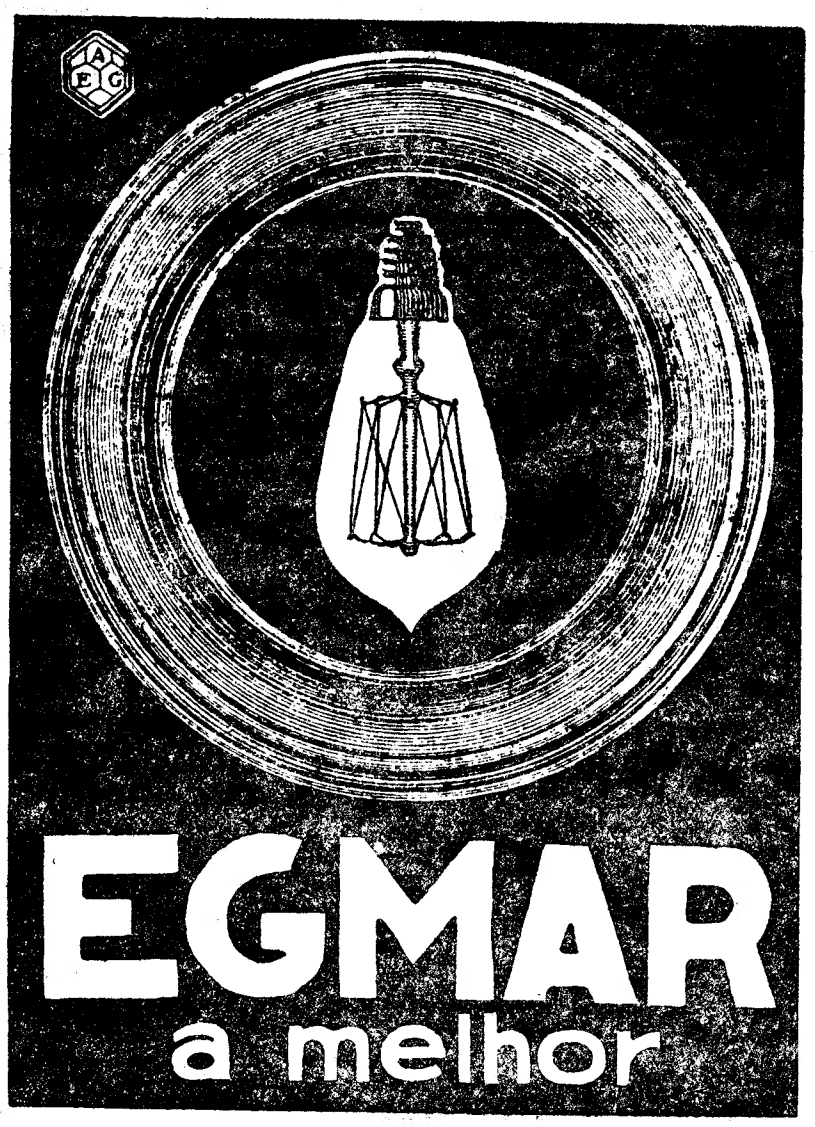
Nacional—Não ha hoje espectaculo, devido aos ensaios da peça «O centenario».

Salão Foz—Apresentam-se repletas de atractivos as duas sessões de hoje neste salão, com a revista «Bichinha gata...».

Avenida—A comedia «Pai Simão» conseguiu tal agrado nesta «reprise» que todas as noites os bilhetes se esgotam.

Politeama—A «Zázá», que é uma das mais notaveis interpretações da illustre actriz Lucilia Simões, continúa a figurar no cartaz.

Eden—Hoje realiza-se a penultima representação do «Tic-Tac», na sua primitiva forma.



A mais economica

A de maior intensidade

Superior a todas as marcas

Depositarios:

Sociedade Luzitana de Electricidade A. E. G.

Lisboa—Rua dos Fanqueiros 12.
Porto—Rua Sá da Bandeira, 209

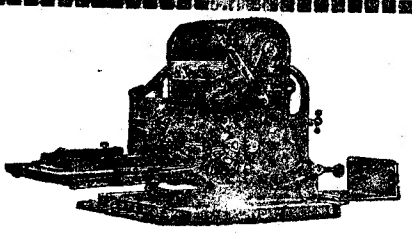
Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

292, RUA AUREA

TEL. C. 854

Representantes da fabrica:

KIRCHNER

maquinas para trabalhar madeira

EM ARMAZENS

E A CHEGAR Á ALFANDEGA

grande quantidade destas maquinas

ELECTRICIDADE—MAQUINAS

Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

LE COMMERCE INTERNATIONAL D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L.DA

17, Largo da Biblioteca
LISBOA

Conservas et Vinhos

REPRESENTANTES EM

BORDEAUX
PRAGA
BEYROUTH
ALEXANDRIA
PYREU
SALONICA
ANVERS
GENOVA
SMYRNA

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA
Rua do Ouro, 18, 24

PORTO
Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

AS REPARAÇOES

Os delegados alemães serão chamados a Cannes?

Conceder-se-ha a moratoria?

O que diz a imprensa francesa

BERLIM, 10

Devido ao convite feito pelo Supremo Conselho, o governo alemão enviou a Paris uma delegação de técnicos, presidida por Rathenau, que tem plenos poderes para dar todas as garantias de que a Alemanha efectuará os seus pagamentos, para os quais pede uma moratoria. Espera-se que a delegação alemã seja chamada a Cannes. No emtanto, a opinião publica alemã continúa a encarar a situação com pessimismo, porque não se julga que á delegação alemã seja permitido negociar com os delegados da «Entente», mas que apenas será ouvida, como succedeu na conferencia de Spa. O «Temps» diz que os aliados precisam entender-se ácêrca da sua conduta antes de a apresentarem aos delegados alemães. Pertinax diz no «Echo de Paris» que se vê com muito desagrado a possibilidade de se protelar a decisão do problema alemão até á conferencia de Genova, quando será difícil impôr á Alemanha a vontade dos aliados. O «Journal des Debats» diz que quando se reunir a conferencia de Genova o problema das reparações ficará não só ligado com o problema da reconstrução economica da Europa, mas dependente dele, dizendo mais que se cria assim uma situação deploravel e que a camara francesa deve vêr com atenção se nestas condições a França se deve fazer apresentar em Genova. A Alemanha prevê que a moratória só será concedida sob condições que arruinam a industria e o comercio alemão.—(U. P.)

Prepara-se o "contrôle" financeiro alemão?

BERLIM, 10

A imprensa refere-se largamente aos resultados da Conferencia de Cannes. O «Taegliche Rundachau» receia que essa conferencia prepare o «contrôle» financeiro da Alemanha pela «Entente». No «Tageblatt», o sr. Dernbury diz que a França, receando o perigo da politica do isolamento que seguiu em Washington, concorda com os desejos do sr. Lloyd George, em deixar a Alemanha respirar um pouco mais.—(R.)

A navegação aerea

e a sua limitação

WASHINGTON, 10

A comissão de armamento das cinco potencias na conferencia desta cidade decidiu ser por agora impossivel chegar-se a um acordo sobre a limitação do desenvolvimento ou do uso da navegação aerea. Resolveram, comtudo, que uma comissão internacional seja nomeada para estudar a questão, com o fim da sua limitação poder ser realizada no futuro. —(R.)

Na Africa do Sul

Uma gréve de mineiros em Johannesburgo

LONDRES, 10

Por noticia recebida de Johannesburgo sabe-se que numa reunião de mineiros de minas de ouro a grande maioria declarou-se a favor da gréve. A gréve atingirá as minas de Victoria Falls e as fabricas industriais daquela cidade. — (R.)

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

OS DESTINOS DO MUNDO

A ALIANÇA ANGLO-FRANCESA E A CONFERENCIA DE CANNES

O tratado de Versailles será lançado á margem?

O retraimento dos Estados-Unidos—Os alemães e a Conferencia—O pagamento das reparações

A conferencia de Cannes toma um aspecto que não era de esperar, dadas as más relações que dia a dia se vêm acentuando entre a opinião publica francesa e a opinião publica britanica. Duas ou três deliberações tomadas já, fazem prevêr que a conferencia se orientará muito diferentemente do que podia prevêr-se; era notorio que entre a França e a Inglaterra não existia sentimento nenhum susceptivel de as conduzir a um acôrdo; mas por uma reviravolta repentina, as duas nações encaminham-se para uma aliança que obrigue a Inglaterra a socorrer a França no caso de um ataque por parte da Alemanha.

A França tudo esperaria menos esta proposta, que constituiu já um dos seus maiores desejos, e cuja não realização, há alguns meses, era da sua parte, objecto das maiores censuras contra a Inglaterra. A efectivação desta proposta, que a França não pode deixar de aceitar, muda por completo a situação desta. A França tem dado como razão do seu armamento terrestre e maritimo, o perigo continuo a que a expõe o seu isolamento, perante uma agressão alemã.

A iminencia deste perigo tem sido dado como causa de continuar mantendo um exercito superior ao exercito alemão anteriormente á guerra e de se mostrar inflexivel a todas as razões apresentadas pela America na conferencia do desarmamento, para não reclamar uma tão grande tonelagem submarina e a construção duma esquadra poderosissima.

Realizada esta aliança, é possivel discutir o desarmamento terrestre, visto que a França pode desarmar como qualquer outra nação assim como desaparecem todas as razões da inflexibilidade por ela mantida em Washington quanto a desarmamento naval.

Mas desta consequencia da aliança franco-britanica, outras consequencias importantissimas derivam. A oposição da França á vontade de Hughes, a sua persistencia em reclamar um armamento extraordinario quando as outras nações desarmam, haviam-lhe alienado as simpatias singulares de que gosava na America. O proprio senado americano lhe não poupára ácres censuras e graves ataques.

Nem só a França sofria com o retraimento da America que vinha cair sobre toda a Europa; ela desinteressara-se da conferencia de Cannes e ameaçava desinteressar-se da Conferencia Economica que em março deve reunir em Genova.

Não é necessario encarecer que a abstenção da America era meio-passo dado para um chéque.

Realizada, porêm, a aliança anglo-britanica, a França não terá razão nenhuma para não satisfazer os desejos da America, que são as aspirações do mundo inteiro; os motivos abstenção desta desaparecerão e poder-se-há entrar num periodo de cooperação geral e leal para o equilibrio economico.

Ainda que a anunciada aliança franco-britanica fôsse o unico resultado da conferencia de Cannes, toda a Europa teria motivos para esperar melhores dias. Não se explica que a aliança se não realize; a França desejou-a imenso e a sua noticia foi bem recebida nos meios politicos ingleses.

Mas a resolução da aliança não foi a unica que foi aprovada; outra importantissima o foi tambem: a de convidar os delegados alemães a virem tomar parte na conferencia. Briand manifestou desejos de que estes só tomassem parte na conferencia depois de combinado o novo plano de reparações; mesmo assim permanece o facto de serem ouvidos os que devem pagar. Isto é importantissimo; faz-nos prever que o tratado de Versailles será posto de lado e que um novo tratado, mais de harmonia com a realidade, entrará em vigor, depois de cada um poder dizer da sua justiça.

De resto a Alemanha já obteve grandes concessões. A Inglaterra declarou que apenas deseja receber da indemnização alemã o projecto britanico de indemnizações, se fôr adaptado, reduz a totalidade dos pagamentos alemães para 1922 a 500 milhões de marcos, sendo provavel que se aprove além disso, o pagamento de um bilião, mas em espécies, forma de pagamento que a Alemanha tem sempre desejado.

Nos interesses da França não se tem por emquanto tocado; o que se lhe pediu até agora é que aceite a proposta de reduzir os pagamentos deste ano a 250 milhões de marcos, devendo receber a mais nos anos proximos o que agora recebe a menos.

Nestas circunstancias, não há rasão para que se não chegue a um acordo. Mas é pouco provavel que a França não tenha de ceder um pouco mais da sua parte, diminuindo tambem as quantias que tem da Alemanha. Se bem que secundaria é esta tambem uma das rasões da America para não querer tomar parte nas conferencias da Europa. O descontentamento que tem manifestado pela intransigencia da França deve levar esta a ser agora menos inflexivel.

Emfim, pela analise que fizemos ás noticias chegadas da conferencia de Cannes, somos obrigados a seconhecer que os acontecimentos tomaram uma orientação muito animadora. Se os factos confirmarem a espectativa que eles deixam prever, a Europa deve entrar brevemente num periodo de normalidade em todos os campos, que irá beneficiar os maiores como os mais humildes.

STRANGERS' CASINO
MONTE ESTORIL — Avenida Saboya (antiga Vila São José)
Grandes Espectaculos Animatográficos
BAILE TODAS AS NOITES
QUINTETO ÁS 3.as, 5.as E SABADOS
TERCETO ÁS 2.as, 4.as, 6.as E DOMINGOS
DANCING-TEA ás 4.as e domingos
NOTAVEIS NUMEROS
— DE —
Variedades e films sensacionais
Brevemente novos atractivos

DE ESPANHA

Teria já uma solução a situação politico-militar?

O sr. La Cierva fala ao exercito

O que diz a imprensa espanhola

MADRID, 10

Parece que a situação politico-militar é ainda delicada, mas, segundo as informações colhidas á ultima hora nos meios parlamentares e nas redações dos jornais, entrou-se já no caminho de uma solução. O ministro da guerra, sr. La Cierva, conferenciou hoje por varias vezes com o comandante do corpo de exercito de Madrid e tambem com as juntas militares, ás quais declarou, nos termos mais energicos, que estava firmemente resolvido a impedir que o poder publico cedesse ante qualquer poder, isto de pleno acordo com o conselho de ministros que se reuniu esta manhã e que se solidarisou formal e absolutamente com o ministro da guerra. Os jornais são de parecer que o dia de amanhã será decisivo e que a ultima palavra pertencerá ao ministro. De resto os jornais fazem notar que nem todas as juntas estão contra o ministro, mas sómenre a da infantaria e que as outras juntas apenas intervêem no conflito a fim de facilitar uma solução.

Principe Leopoldo

MADRID, 10

O rei almoçou no Prado com o principe Leopoldo de Batenberg.—(U. P.)

A RUSSIA

assistirá á conferencia de Genova?

LONDRES, 10

Por informações recebidas nesta cidade, consta que o governo dos «Soviets» aceitou o convite das potencias para assistir á conferencia internacional economica que se realizará em Genova. — (R.)

T. S. F.

Uma estação que custará 50.000 libras

LONDRES, 10

A nova estação telefonica que vai ser construida nesta cidade será a mais vasta da Europa. O seu custo está orçado em cincoenta mil libras e poderá ser utilizada por trinta mil subscritores.—(R.)

S. I. C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S. I. C.

ARTE DOS NOVOS

O PINTOR GUILHERME FILIPE E A SUA PROXIMA EXPOSIÇÃO

Continuação da entrevista com o autor do quadro intitulado "Salomé"

museu de Arte Contemporanea. Qualquer das maneiras dá certo. (textual).

Mais disse:

—A minha pintura, bom ou mau, tomará pelas suas proprias leis o logar natural (textual).

E finalizou:

—Eu pinto e os outros que vejam e nada mais. A minha função na vida é esta: viver o melhor possivel e pintar o mais depressa possivel (textual).

Queremos acreditar que o simpatico artista não deixa de vir expôr em Lisboa, mesmo na hipotese de vender tudo em Coimbra. O caracter classico da sua pintura, tirado pela sua afirmação, deve causar surpresa.

Em Coimbra

Ardeu totalmente o edificio onde estava instalada uma marcenaria

COIMBRA, 10.—Pelas 8 horas de hoje manifestou-se um violento incendio na grande marcenaria pertencente anteriormente a Antonio Gomes Cabral, há pouco tomada de trespasse pelos srs. dr. Carvalho Lucas e Adelino Simões Carvalho. A oficina ocupava uma importante área nas trazeiras do edificio do «Tiro e Sport», na Azinhaga do Carmo, propriedade do sr. dr. Carlos de Oliveira. A casa ficou completamente destruida, tendo-se feito salvados importantes. No emtanto, os prejuizos são enormes.—(Barroza).

BOLO REI

Uma oferta da pastelaria Marques

Da acreditada pastelaria Marques recebemos seis pequeninos bolos-rei de fabrico especial, que muitissimo agradecemos.

Viajantes estrangeiros

Encontra-se em Lisboa o sr. Gustave Rolin, ilustre engenheiro belga, neto do sr. Rolin Jacquenines que foi ministro e conselheiro do rei de Sião.

Madame Jeanne Rolin, sua prima, que há tantos anos vive em Portugal, oferece-lhe ámanhã um jantar, na sua casa da rua Camilo Castelo Branco, para o qual estão convidadas as primeiras figuras da colonia belga.

CAMBIOS

DIA 10

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	60$000	62$000
Londres, cheque	4 9|14	4 7|16
» 90 d. v.	4 11|16	—
Rio Londres	7 3|8	—
Paris	1$029	1$059
Itália	$547	$563
Bélgica	$989	1$019
Suiça	2$411	2$481
Espanha	1$865	1$918
Berlim	$075	$083
Holanda	4$574	4$704
Nova-York	12$450	12$810
Austria	$004	$009
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$000	1$100

Coliseu dos Recreios

O elenco da nova companhia

Realiza-se depois de ámanhã, no Coliseu dos Recreios, a estreia da nova companhia de circo, que, entre outros, é constituida pelos seguintes artistas de maior reputação mundial: «Les Stones», equilibristas; «Farola», ilusionista; «Christian Cristenven», campeão pedestre do mundo; «Les 4 Seriêrse», ginastas; «Les Sœurs Carré e Ernest Edith», equestres; «Massagen», acrobatas japonezes; «Staiz», ciclistas num globo de aço; «Reinat», voadores; «Lintens», ciclistas; «Lucy Mary», acrobatas olimpicos; Busto, domesticador de macacos, cães, gatos e ratos. E', indubitavelmente, uma companhia cuja superioridade não tem rival.

Funcionarios publicos

A comissão do funcionalismo publico reune ámanhã, ás 13 horas, a fim de aprovar a representação que vai ser entregue ao govêrno.

Mario Machado
Da Escola Dentaria de Paris
Doenças da boca e dentes
CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

AS PROXIMAS ELEIÇÕES

e os boatos de um novo e inutil adiamento

O governo organiza a sua maquina eleitoral

Os jornais da manhã são quasi unanimes em registar boatos que dão como certo um novo e proximo adiamento do acto eleitoral. Razões? Variadas e opostas são as que se apresentam, parecendo, no entanto que nenhuma tem fundamento serio. Durante a tarde de hoje passámos em revista todas as camadas politicas, concluindo na que se formou em torno do ministerio do interior. Chegámos á conclusão de que o governo, que tão dificilmente acedeu ao adiamento para 29 do corrente, das eleições gerais, muito longe se encontra de mais uma vez pensar em afastar a consulta á nação.

As eleições devem, pois, efectuar-se no praso marcado. As dificuldades politicas não são tão prementes, que o sr. Cunha Leal se veja forçado a realizar trabalho identico ao que ultimamente poz tanto em risco a vida do seu governo. Só um acentuado estado de agitação o justificaria e, para felicidade de todos, o pais muito longe dele se encontra. Actualmente, resolvida a questão militar, atenuada a questão politica, posta em equação a questão economica, o governo considera afastados quaisquer factores de novas desordens e confia num breve e total renascimento da paz e da tranquilidade.

* * *

O governo tem quasi concluida a montagem da máquina eleitoral. Ao contrario do que alguns jornais teem informado, deve ficar a maioria das actuais autoridades administrativas, em virtude dos acôrdos concluídos entre o governo e os partidos. E' possivel que do *Diario do Governo* de ámanhã, já constem os nomes dos novos governadores civis.

* * *

O sr. almirante Leote do Rego propõe-se a deputado pelo circulo de Angola.

* * *

A P. S. E. vai acabar, confirmando-se, assim, as informações que constam dos jornais da manhã. O decreto respectivo já hoje foi submetido á assinatura presidencial, devendo seguir ámanhã para o *Diario do Governo*. Indigita-se como chefe da policia de informação, que vai passar a funcionar no governo civil, o sr. Damião dos Santos, actual adjunto da P. S. E.

* * *

O sr. João Baptista Afonso, ex-presidente da comissão da freguesia da Penha de França, escreveu uma carta ao Directorio do P. R. P. declarando que, desgostoso com a orientação tomada ultimamente pelos dirigentes do partido e ainda com a politica local que julga atentatoria do bom nome do regime, resolve abandonar o mesmo partido.

A ex-imperatriz Zita chega a Paris

PARIS, 10

A ex-imperatriz Zita, procedente de Lisboa, via Espanha, chegou hoje a esta cidade, tendo seguido com destino á Suissa.

OS ADIDOS DE LEGAÇÃO

e o procedimento do Conselho Financeiro

O dr. Ramada Curto nada pode dizer, mas...

A questão dos adidos de legação, nomeados pelo sr. dr. Veiga Simões, em harmonia com a sua reforma do ministerio dos Estrangeiros, é já velha de dois meses. O publico já se teria desinteressado dela em absoluto, se o Conselho Superior da Administração Financeira do Estado não houvesse recusado o seu *visto* a esse pequeno e porventura indispensavel aumento do nosso funcionalismo civil.

Porque procedeu assim o Conselho? Que melindres legalistas o prenderam? Estas foram as preguntas que, há meia hora, formulámos ao sr. dr. Ramada Curto, vogal daquele organismo, á janela do seu escritorio forense da rua Nova do Almada, emquanto o sr. Augusto Dias da Silva, ex-ministro do Trabalho e fogoso parlamentar socialista, nos anunciava, em palavras repassadas de entusiasmo, o comicio com que brevemente o P. S. P. deve romper a sua campanha eleitoral.

O sr. dr. Ramada Curto, que é um entrevistado de dicção facil e que sabe ser gentil com os jornalistas, guarda alguns minutos de pouco habitual reserva. Responde a custo, convincente de que ía ser desagradavel:

— Mas não posso dizer nada. Absolutamente nada. O segredo profissional.

— No entanto...

— Impossivel! Você, que é *reporter*, investigue. Talvez encontre alguem que esteja em condições de falar...

O jornalista insistiu ainda, durante um bom bocado. Depois, houve por bem desistir. Mas, quando dobrava o cotovelo do Chiado, a sua estrela fê-lo encontrar com alguem que, conhecendo em todas as suas minudencias os negocios do Estado e as influencias que em torno deles se agitam, lhe contou quanto se passava com a recusa do *visto* á nomeação dos adidos extraordinarios de legação.

De maneira que, em ar oficioso, podemos anunciar aos leitores:

— A resolução do Conselho Superior de Administração Financeira do Estado, não foi tomada por unanimidade. Houve quem classificasse o diploma do sr. dr. Veiga Simões de inconstitucional e quem, estribado em precedentes e num bom espirito juridico, alegasse que ao conselho só competia, adentro das suas autorizações, sancionar o que o poder executivo, de acordo com o chefe do Estado, determinasse. E a discussão travou-se. Foram lembradas as ditaduras varias que ilustram a historia do regime e a forma com o conselho então procedeu. Não se chegou a acordo quanto á validade ou não validade das autorizações parlamentares. Conclusão: — foi resolvido negar o *visto* á obra do sr. dr. Veiga Simões, com a oposição de um dos membros do conselho.

Esta a verdade. Que o sr. dr. Ramada Curto fique sabendo, que os *reporters* do *Diario de Lisboa*, sempre conseguem realizar as suas intenções...

Caça-minas francês

S. JULIÃO, 10.

Entrou a barra o caça-minas francês «L. B. 2.510», vindo do norte.

Empreza Internacional, L.da
Rua Augusta, 76, 1.º
TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346
TELEGRAMAS:---GALVANICA
MAQUINAS ELECTRICAS
GARBE LAHMEYER & Co A. G.

EM TERRA ALHEIA

A ODISSEIA DOS VOLUNTARIOS PORTUGUESES EM MARROCOS

Uma elucidativa carta que eles enviaram a um nosso consul em Espanha

Chama-se a atenção do sr. ministro da guerra para a carta que abaixo vem publicada e que foi dirigida pelos legionarios portugueses que estão combatendo valentemente contra os mouros em Marrocos, a uma das nossas autoridades consulares de Espanha. A carta dispensa comentarios. Ao lê-la, certamente o sr. ministro da guerra adoptará uma atitude energica de maneira a salvar dos máus tratos esse punhado de portugueses, que se estão batendo por uma nação que lhes não reconhece os seus serviços.

A carta:

MARROCOS, 18 de Dezembro de 1921.—Quem escreve a V. Ex.ª é um grupo de legionarios portugueses, que, ao lado de Espanha, combatem nesta região contra os mouros. Dirige-se este grupo de compatriotas a V. Ex.ª, a fim, por seu intermedio, levar a conhecimento do governo e de todos os portugueses, dos maus tratos que aqui lhe são dados o da escravatura a que estão sujeitos. Trata-se do seguinte: Esta legião foi organizada sofismadamente, sendo cada legionario vitima dum engano. Nos «bandeirins de enganche», onde nós nos dirigi-mos, a fim de saber as condições, foram-nos prestadas, mas em realidade eram falsas! Espanha está faltando ao que nos prometeu e ao que deu á publicidade. De contrario fazia parte termos, como vencimento diario, quatro pesetas e meia, mas afinal foi burla, porque só nos dão a terça parte dessa quantia. Como premio de «enganche» sucede o mesmo. Em vez de ser pago na totalidade e logo que se chega a Ceuta, conforme as condições apresentadas nos referidos «bandeirins de enganche», não o fazem, pagando só metade, e alguns ha que se encontram aqui ha três meses sem o receberem.

Com respeito a trabalho e tudo mais, cada legionario é considerado um escravo. E' submetido a toda a qualidade de serviço e pela minima coisa é esbofeteado, até mesmo pelo mais insignificante cabo. Nem nos domingos se descansa. Os castigos, muitas das vezes, chegam a ser barbaros. A Inglaterra, em virtude dos maus tratos dados aos seus subditos, fez já uma reclamação, não se encontrando aqui nenhum inglez. A America procedeu da mesma forma. Quem continua aqui jazendo sujeito a todas as agruras é o desgraçado portuguez, que não tem quem dele se lembre. Desejariamos tambem que o nosso governo nos reclamasse, e assim seguia-se o exemplo das grandes nações.

Desde já todos os legionarios portuguezes agradecem a V. Ex., mil vezes gratos pelos serviços prestados neste sentido.—Pelo grupo de portuguezes, (ass.) *Francisco Pinto da Silva*—4.ª bandeira, companhia de metralhadoras—Marrocos—Espanha.

As reclamações dos fabricantes de conservas

Uma comissão conferencia com os ministros do Comercio e Finanças

O sr. ministro do Comercio recebeu hoje uma grande comissão delegada pelos fabricantes de conservas e da Associação Comercial e Industrial, de Setubal, que lhe apresentaram os seus cumprimentos, pedindo-lhe para patrocinar junto do sr. ministro das Finanças uma antiga reclamação sobre os direitos de importação de oleos.

Esta mesma comissão, um pouco mais tarde, avistou-se com os srs. Vitorino Guimarães e Manuel dos Santos, director geral das Alfandegas.

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—Não ha espectaculo.
S. Luis—A's 21—«A Moreninha».
Politeama—A's 21,30—«Zázá».
Avenida—A's 21,30—«Pai Simão».
Apolo—A's 21-15—«E' o levas...»
Chiado Terrasse—Não ha espectaculo.
Eden-Teatro—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«O remorso».
Teatro dos Anjos—A's 20,30—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco».

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Salão da Promotora—(Ao Calvario)—Aos domingos, segundas, quintas e sabados—Animatografo.

Doenças da bôca, dentes e maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia
Dentes artificiais
Em consulta especial para classes menos abastadas e a preços de policlinica, das 9 ás 10 horas, no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. do Jardim do Regedor, 51, 1.º